



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6421 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT12 - Currículo

**FOTOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: EXPERIENCIA VISUAL E FORMAÇÃO CRÍTICA**

Laíla Sampaio Lima - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

### **FOTOGRAFIA E A PRODUÇÃO DE SENTIDOS: EXPERIÊNCIA VISUAL E FORMAÇÃO CRÍTICA**

Palavras Chave: Fotografia; Produção de Sentidos; Formação Crítica

#### **INTRODUÇÃO**

A discussão sobre as imagens, seu poder nas relações sociais e nos processos de comunicação contemporâneos abarca uma série de questões. Dentre estas, o entendimento de que o processo de interpretação e consumo desses textos precisa ser compreendido cada vez mais a partir de um olhar multi e interdisciplinar, que possa respeitar os diversos campos de atuação, mas que também lance um olhar crítico sobre os fenômenos contemporâneos que nos cercam. A reprodução e proliferação das imagens nos meios abre espaço para um questionamento fundamental do que dizem, como dizem e por que dizem. A Cultura Visual se caracteriza pela superexposição acelerada de imagens nos meios de comunicação e nesse contexto, a fotografia como um dos seus artefatos, ganha o mesmo viés desta premissa, que, de certa forma, proporciona uma espécie de encantamento imagético, onde o risco da banalização está intrínseco no processo de interpretação das suas mensagens. Cada vez mais parece ser necessário despertar para essas questões um olhar atento às imagens, às subjetividades envolvidas nos processos e à própria necessidade de se consumirem tantas imagens que estão operando subjetivamente em nossas ações a partir do uso que fazemos dela.

Assim, esse trabalho apresenta uma experiência com a fotografia contextualizada em uma proposta formativa crítica em uma comunidade rural no interior da Bahia. Tencionamos discussões a respeito do seu do vetor em práticas pedagógicas na educação e em constituintes curriculares a partir da produção de sentidos do fazer fotográfico e a discussão sobre a imagem produzida.

#### **DESENVOLVIMENTO**

A fotografia é uma imagem. E assim sendo, é considerada um texto visual. Por se tratar também de uma imagem técnica de representações da realidade, a leitura da imagem fotográfica requer um encontro de conhecimentos desta dimensão técnica ao campo

simbólico. O exercício do ver requer do sujeito utilizar-se de dispositivos subjetivos que envolvem processos intelectuais, contextos sociais, históricos e pessoais. Essa identificação e correlação entre os elementos que sustentam e resultam na composição fotográfica dão significado a este artefato e com isso, uma base de interpretação na leitura desta imagem. São evidenciados sentidos conotativos e denotativos que atravessam dimensões simbólicas e contextuais, onde o leitor pode agregar quaisquer formas de significação. A esse movimento dialógico, SILVA (2006) chama de “pronunciamento visual”. Sobre isto, o autor diz que

“o pronunciamento visual busca fazer um levantamento analítico-reflexivo dos dados imagéticos, identificadores de elementos sociais e culturais, que serve como modo de investigação classificatório, interpretativo e explicativo no campo da sociologia da imagem. Na análise etnográfica e sociológica os valores imagéticos de comunidades, etnias e grupos sociais formam um pano de fundo analítico-investigativo” (SILVA 2006, p 7).

Nesse sentido, inferimos que a fotografia ganha um caráter dual de interpretação. Esse possível movimento dialógico entre os conhecimentos técnicos do fotógrafo, as suas escolhas e visões de mundo no ato do registro fotográfico, atreladas às mensagens resultantes desse processo oriundos dos campos de representações e significados que a imagem tem, ganham valor de registro na área das interpretações e produção de sentidos. Esse contexto de caráter hermenêutico reforça a face incomensurável de possibilidades, diálogos e intelecções entre o leitor e a imagem. Nesse movimento de captura de mensagem pela fotografia, o “pronunciamento visual” concorda com a pluralidade da produção de sentidos que o sujeito atribui à imagem no exercício do ver. Nesse contexto, reverberam-se realidades que se posicionam de forma dinâmica a partir das recepções e impressões do observador em diálogo consigo e com a fotografia.

Esse contexto transversal na perspectiva do rizoma deleuziano nos diz ser aquilo que atravessa a matéria, criando múltiplos caminhos de sentidos, narrativas e conexões. A produção de sentido se inicia quando leitores inferem, interferem e, imersos nessa floresta de símbolos, reconheçam, identifiquem e interpretem o que não está posto na imagem, atribuindo valores e realidades ao elemento visual. O sentido é campo aberto e livre. Não é exato, muito menos acabado, pois, inseridos em contextos contemporâneos de comunicação, estamos processualmente produzindo sentidos, ou seja, o sentido está sempre em um contínuo processo plural de construção. Produzimos sentido pela nossa condição humana e necessidade da/na comunicação. Atribuímos valores e significados nas ausências interpretativas deixadas pela própria linguagem.

No entanto, mesmo sendo a imagem fotográfica uma linguagem plural de interpretações, ao produzirmos sentido em diálogo com este artefato, eliminamos todas as demais possibilidades de mensagens que por ventura, poderiam existir. Esse processo, de certa forma, atribui valor único e pessoal de significados, silenciando os demais caminhos interpretativos. Ou seja, a produção de sentidos, em síntese, descarta as incomensuráveis interpretações da imagem fotográfica, elegendo aquela que resulta do diálogo entre sujeito e matéria. Para Derrida (1995, p. 59) há um processo de desvalorização quando nomeamos as coisas e atribuímos valores a ela. Assim, o potencial da pluralidade polifônica das imagens se perde ao produzirmos sentido sobre elas. No entanto, o sentido está sempre a espera de ser elaborado para que se materialize. Dessa forma, atribuir sentido é um exercício de perda e ganho, pois, nos fraturamos ao produzir sentido, posicionando nossas intersubjetividades.

Essa referência a partir das reflexões de Derrida (1995) nos faz adentrar nos possíveis sentidos não reverberados pelos sujeitos no exercício dialético e dialógico em atribuir valores aos símbolos, em nosso caso, à fotografia. Contextualizando a proposta desta experiência na

área da Educação, a partir de uma proposta formacional pelas fotografias, a mediação docente aparece como trabalho basilar e significativo nesse processo. Esse trabalho intermediário realizado pelo docente recai sobre algumas reflexões: práticas pedagógicas com imagens necessitam ter, por parte do professor, um cuidado no sentido de não apenas ilustrar conteúdos previstos nos currículos das escolas, mas sim de possibilitar no trato com as fotografias aquilo que Silva (2009) chama de “descentralização do olhar”. Um olhar que permita leituras para além do que está posto na imagem. O fazer docente para realizar novas mediações, novas interseções.

Um educador mais atento ao contexto das vivências dos seus discentes vai perceber que fotografias, das mais diversas pautas, fazem parte do dia a dia deles. Isso se mostra nos programas de televisão e suas propagandas que assistem, nas redes sociais das quais fazem parte (*Facebook, Instagram, Whatsapp*), vestimentas, jogos, dentre outros artefatos. Para isso, é necessário que estejamos conectados com esse meio para sabermos aproveitar esses instrumentos e transformá-los em possibilidades de trabalho pedagógico que refletirão no que chamamos de aprendizagem significativa.

A prática docente deve estar a serviço de desenvolver o senso crítico dos sujeitos, descolonizando pensamentos e ideias, tornando-os seres autônomos, capazes de discernir. Portanto, essa postura permitirá ao professor certa “malícia interpretativa”, uma desconfiança onde o olhar passa a ser descentralizado, contextualizado e significativo. Essa desconfiança significa dizer que nem tudo que está exposto na imagem é o seu fiel discurso. Pode ser o contrário. Nesse processo de leitura, outros conceitos, discursos, vozes e ideologias podem ser capturados.

Quando pensamos em uma educação independente e libertadora, afirmamos que as atuais práticas escolares na utilização de imagens estão ultrapassadas e obsoletas. Podemos constatar isso a partir dos baixos índices de desempenho das escolas na educação básica, por exemplo. É uma realidade que estamos muito aquém do ideal. Insistimos em currículos e atividades ainda tradicionais e pouco efetivos, pautados na reprodução e na eleição de saberes e culturas consideradas relevantes por uma elite detentora do poder. Na contramão desta realidade, argumentamos que a prática fotográfica pode desconstruir e abalar essas estruturas quando colocamos na imagem aquilo que nos atravessa e nos mobiliza, conforme veremos nesta experiência. Atravessamentos que estão diretamente ligados à nossa cultura, história, sociedade e conhecimento de mundo, valores fundamentais na construção da nossa identidade, principalmente de grupos excluídos.

## **EXPERIENCIA VISUAL NA COMUNIDADE DO BARROÇÃO DE CIMA: FOTOGRAFIA E GRUPOS DE DISCUSSÃO**

A comunidade rural do Barroção de Cima localizada na região da cidade de Jacobina, interior da Bahia, foi lócus desta experiência a partir de uma busca constante das lideranças locais por atividades formativas e culturais junto ao Campus IV da Universidade do Estado da Bahia. Assim, em acordo com a associação dos moradores, foi desenvolvida uma oficina que tinha como objetivo fotografar as principais demandas da comunidade e a partir das imagens feitas pelos moradores, promover grupos de discussão para fomentar ações de solução para os problemas elencados: abastecimento de água, emprego e renda, saúde, educação e lazer. Desta forma, esta pesquisa caminhou para ações de descrição e compreensão da produção de sentidos e consumo de fotografia, além dos seus momentos interpretativos e desdobramentos, pois

ir às imagens formadas é uma interiorização que, obviamente, desvela novos atos, novas dimensões de um existir reflexivo. Inspirada em Merleau-Ponty, para esta autora, um ato de conhecimento visual, por

exemplo, é um desvelar da consciência, uma descoberta de um novo sentido sobre a experiência que foi vivida...desvelamento de novos horizontes que originam novos sentidos que, então, fundam aquilo que já foi visto ou experienciado.” (ARANHA, 1995)

O instrumento “Grupos de Discussão” foi escolhido para essa experiência pois se mostrou como recurso metodológico significativo, inclusivo e democrático, em que a participação coletiva é assegurada. Mais que isso, essa opção permitiu não apenas ouvir coletivamente, seus contextos identitários e inseri-los em processos de investigação, seja na Educação ou qualquer outra área de conhecimento, mas também, perceber marcas individuais e singularidades que compõem um todo referencial. Segundo Weller (2006),

*O s grupos de discussão* passaram a ser utilizados na pesquisa social empírica pelos integrantes da Escola de Frankfurt a partir dos anos 50 do século passado. (...) Porém, foi somente no final da década de 1970 que esse procedimento recebeu um tratamento ou pano de fundo teórico-metodológico – ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia –, caracterizando-se, dessa forma, como um método e não apenas como uma técnica de pesquisa de opiniões. (WELLER, 2006, p. 2).

Assim, Grupos de Discussão aderem à propriedade de método em que caminhos interativos, discursivos e de coletividade tornam-se objetos de análise em que representações e significados são metodologicamente analisados a luz de um referencial teórico, em categorias “metateóricas relacionadas a uma determinada tradição teórica e histórica” (Weller, 2006, p. 4). Mangold (1960, p. 3), em reflexões a respeito deste instrumento metodológico, nos diz que a voz do grupo não é a “soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas”. Portanto, a interação e participação de cada sujeito se caracterizará de forma distinta, mas, ao mesmo tempo, resultado de uma interação mútua. As ideias de Mangold trouxeram outro aporte conceitual no que se refere, segundo o autor, às “opiniões de grupo”. Estas narrativas discursivas remetem às orientações coletivas germinadas do contexto social dos sujeitos envolvidos na pesquisa, em que os participantes são vistos como atores “representantes do meio social em que vivem e não apenas como detentores de opiniões.” Para o sociólogo Ralf Bohnsack (2004)

[...] realizadas com grupos reais devem ser vistas como representações de processos estruturais [...] que documentam modelos que não podem ser vistos como casuais ou emergentes. Esses modelos remetem ao contexto existencial compartilhado coletivamente por esses grupos, ou seja, às experiências biográfico-individuais e biográfico-coletivas, que [por sua vez] estão relacionadas às experiências comuns como membros de um meio social e de uma mesma geração, às experiências como homens ou mulheres, entre outras, e que em um grupo de discussão são articuladas por meio de um 'modelo coletivo de orientação'. (Bohnsack; Schäffer, 2004, p. 328-329 – Tradução nossa. APUD WELLER, 2006)

Foram agendados dez encontros na associação dos moradores. Destes, cinco dedicados a oficina de fotografia para produção das imagens, com o apoio do grupo de pesquisa em Cultura Visual, Educação e Linguagem – Cultvi, vinculado ao campus IV da Universidade do Estado da Bahia. Os outros cinco encontros foram para a realização de grupos de discussão sobre as essas imagens feitas por um grupo de dez moradores. Assim, as fotografias produzidas foram objetos de discussão no grupo e nesse momento, foram consideradas as análises dos moradores sobre as imagens feitas, suas recepções e impressões, as escolhas dos

espaços registrados, ângulos, contextos e o porquê destes. As narrativas sobre as impressões, recepções e interpretações desses artefatos foram gravadas, transcritas, descritas e direcionadas ao referencial teórico selecionado que por consequência, abriu caminhos para os resultados encontrados. Os debates e os encontros dos participantes com as imagens produzidas por eles mesmos direcionou proposições para ações práticas de transformação sobre os problemas que assolavam a comunidade por anos em uma “[...], ação reflexiva conjunta [...] cujos protagonistas são pesquisadores e a população interessada na mudança”(MACEDO, 2000).

Assim, quando da experiência da visual, os participantes vivenciaram a possibilidade de enquanto corpo único e ao mesmo tempo plural olharem para suas questões e perceberem seus problemas cristalizados em fotografias. Quando elencaram seus pontos de pautas nos Grupos de Discussão, refletiram, debateram e não apenas produziram imagem fotográfica sobre esses temas, mas também, em grupo, falaram sobre elas. As saídas fotográficas provocaram o “choque”, o estranhamento e o registro da realidade do local em um processo de abertura para problematização de questões sociais deveras importantes e significativas.

Os Grupos de Discussão promoveram três desdobramentos: deslocamentos, mobilizações e encaminhamentos. A comunidade retomou suas pautas na associação de moradores, mobilizou os moradores no sentido de conscientização da importância da participação coletiva e política para o bem comum, retornou os diálogos com os órgãos públicos regionais sobre as necessidades locais e principalmente, colocou em prática projetos que estavam engavetados por falta de motivação coletiva, a exemplo, a reestruturação da rede de abastecimento de água, principal problema local. Nossa experiência com a fotografia no Barroão de Cima mostrou que a imagem, para além dos seus significados plurais e mensagens diversas, pode ser um recurso formativo que não se encerra. Pelo contrário. Constatamos isso através das atividades que ainda estão acontecendo na comunidade a partir da intervenção: desdobramentos alcançados em nível individual e coletivamente. Iniciativas que buscam melhoramentos para (re) construção de uma melhor qualidade de vida para aquelas pessoas. Mais uma resposta para esta investigação que tencionou compreender como o exercício de pronunciar-se visualmente e da produção de sentidos contribui para a formação crítica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O potencial da imagem revelou sua continuidade e encadeamento de experiências que podem, através da mediação da escola e dos seus atores sociais, pensar ideias pedagógicas com a fotografia. Dessa forma, considero que as discussões sobre o tema devem partir de um reconhecimento da relevância desse contexto imagético nas relações e comunicações humanas, da necessidade de reavaliar a formação docente no que diz respeito principalmente aos currículos dos cursos de licenciatura, problematizando o local da imagem nesse processo de formação, além do avanço e incentivo (sobretudo financeiro) necessários de pesquisas sobre Imagem e Educação, propondo uma ampliação de projetos e intervenções que tratem da cultura da imagem nas vivências escolares como forma de dispositivo de diferenciação pedagógica.

Descobrimos em nossa experiência que a fotografia, quando mediada, tornou-se instrumento formativo crítico e pedagógico significativo. Refeita e repensada durante todo o processo, a intervenção precisou encontrar aderência ao contexto local, ou seja, compreendemos que nem sempre a experiência vivida naquele contexto terá o mesmo, melhor ou pior resultado em outra realidade. É necessário pensar que grupos possuem suas características singulares que devem ser consideradas. Por isso, afirmamos que a fotografia deve ser construto formacional nos currículos escolares quando este artefato tiver valor

significativo para determinadas realidades. Caso contrário, a experiência não terá nenhum significado e será o mais do mesmo.

A partir da vivência com Barroão de Cima, evidenciamos que a produção e consumo de fotografia é possível e viável quando nos inserimos em propostas pedagógicas inovadoras, em práticas abertas e flexíveis a mudanças e objetivos em torno da educação e da diversidade correspondentes aos anseios locais. Indicamos a experiência visual como vetor de formação dentro de uma realidade política local. Se, como afirmamos, a fotografia cumpriu seu papel para uma formação crítica, na área pedagógica ela se insere no campo das ideias e ações que nós educadores podemos usufruir enquanto ato de construção de formação de indivíduos em elaboração de processos em diferentes sujeitos, configurando referências culturais a partir das relações entre pessoas pertencentes a culturas diferentes que interagem influenciando-se e transformando-se mutuamente. Entretanto, a construção de processos em diferentes sujeitos exige, por sua vez, que haja alteração da prática pedagógica, o que implica a desconstrução do discurso pedagógico tradicional em relação ao olhar o outro e do outro.

## REFERENCIAS

ARANHA, C. “Fenomenologia do ato criador – II” In: Maria A. Bicudo e Vitória H. Eposito (Orgs) **Pesquisa qualitativa em educação. Um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: UNIMEP, 1994, p.47-50

BOHNSACK, R. *Group discussions and focus groups*. In: FLICK, U.; KARDOFF, E. Von; STEINKE, I. (Orgs.). **A companion to qualitative research**. London: SAGE, 2004, p. 214-221.

BOHNSACK, R.; WELLER, W. **O método documentário e sua utilização na análise de grupos de discussão**. Educação em Foco. Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Número Especial, 2006

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo. Editora Perspectiva. 1995. 2 ed. 252 p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

MANGOLD, W. **Gegenstand und methode des gruppen diskussions verfahrens**. Frankfurt am Main, 1960

SILVA, S.L.P da. **Indentidade e novas mídias: a Cultura Visual no Processo de Investigação**

**das Ciências Sociais**. Interseções. UERJ. 2006.

WELLER, Wiwian. **Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes**

**teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método**. Educ.Pesqui. vol.32 no.2 São Paulo May/Aug. 2006